Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

2026
ISSN 2319-0868

PROJETO DO LABORATÓRIO DE FIGURINO DO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS DA UFSM: UMA ANÁLISE SOBRE ACESSIBILIDADE

COSTUME DESIGN LABORATORY PROJECT OF THE DEPARTAMENT OF PERFORMING ARTS AT UFSM: AN ANALYSIS ON ACCESSIBILITY

PROYECTO DEL LABORATORIO DE VESTUARIO DEL DEPARTAMENTO DE ARTES ESCÉNICAS DE LA UFSM: UN ANÁLISIS SOBRE LA ACCESIBILIDAD

Charles de Almeida Ferreira
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maia/RS, Brasil

Marcia Berselli
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maia/RS, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta uma análise do projeto arquitetônico elaborado para atender adequações em um Laboratório de Figurino. É apresentada a operacionalização de guarda, manutenção e empréstimo do acervo, sendo verificadas as barreiras para o acesso universal. O projeto é analisado em relação às melhorias propostas, às alternativas com tecnologias assistivas e às carências não resolvidas. São indicadas alternativas para execução posterior, concluindo que, apesar da necessidade de recursos e espaço para a realização dos trabalhos do Laboratório de Figurino, o projeto amplia o acesso à diversidade de corpos. O estudo contribui para as reflexões sobre acessibilidade no campo das artes cênicas, destacando que o acesso aos recursos da cena é fundamental para uma prática de criação acessível e democrática.

Palavras-chave: Acessibilidade; Figurino; Projeto arquitetônico.

Abstract

This article presents an analysis of the architectural project designed to make adjustments to a Costume Design Laboratory. The operationalization of storage, maintenance, and loan of the collection is presented, and the barriers to universal access are verified. The project is analyzed in relation to the proposed improvements, alternatives with assistive technologies, and unresolved problems.

BERSELLI, Marcia. PROJETO DO LABORATÓRIO DE FIGURINO DO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS DA UFSM: UMA ANÁLISE SOBRE ACESSIBILIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 68, e1820, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Alternatives for later implementation are indicated, concluding that, despite the need for resources and space to carry out the work of the Costume Design Laboratory, the project expands access to the diversity of bodies. The study contributes to reflections on accessibility in the field of performing arts, highlighting that access to stage resources is fundamental for an accessible and democratic creative practice.

Keywords: Accessibility; Costume design; Architectural project.

Resumen

Este artículo presenta un análisis del proyecto arquitectónico desarrollado para atender las adaptaciones en un Laboratorio de Vestuario. Se presenta la operacionalización del almacenamiento, mantenimiento y préstamo de la colección y se verifican las barreras para el acceso universal. Se analiza el proyecto en relación a las mejoras propuestas, las alternativas con tecnologías de asistencia y los problemas no resueltos. Se indican alternativas para su posterior implementación, concluyendo que, a pesar de la necesidad de recursos y espacio para realizar el trabajo del Laboratorio de Vestuario, el proyecto amplía el acceso a la diversidad de cuerpos. El estudio contribuye a la reflexión sobre la accesibilidad en el ámbito de las artes escénicas, destacando que el acceso a los recursos escénicos es fundamental para una práctica creativa accesible y democrática.

Palabras clave: Accesibilidad; Vestuario; Proyecto arquitectónico.

Introdução

A criação de espaços democráticos que permitam a utilização e o acesso por qualquer pessoa, respeitando a diversidade de corpos, além de uma obrigação legal endossada pela Lei Brasileira de Inclusão, Nº 13.146 de 06 de julho de 2015 (Brasil, 2015) e pela Norma Brasileira de Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, NBR 9050/2020 (ABNT, 2020), é uma aspiração das instituições de ensino. O desejo de oferecer espaços de plena transitabilidade, com adequada comunicação e com alcance plural para a comunidade se faz presente nas artes, campo do saber que vem, nos últimos anos, buscando acolher os corpos dissidentes.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Os espaços públicos destinados à educação e à cultura no Brasil, invariavelmente, têm poucos recursos e, muitas vezes, estão alocados em prédios antigos sem adequações às novas tecnologias arquitetônicas que buscam universalizar o uso dos espaços. A organização dos ambientes e as transformações espaciais realizadas ou postergadas, porém, informam sobre um projeto de uso e acesso dos espaços por determinadas pessoas. Assim, é possível observar que algumas pessoas são penalizadas com o impedimento do acesso a bens e serviços culturais e educacionais.

Com o passar dos anos, avançam as legislações, evoluem as tecnologias e, portanto, ambientes e edificações frutos de épocas em que algumas questões não se faziam presentes passam a necessitar de reformas. Entretanto, algumas adaptações são consideradas pertinentes enquanto outras são tidas como desagradáveis e agressivas à obra original (Licht, 2012). A questão da viabilidade ou não de certas adequações de acessibilidade, bem como seu tempo de realização, está atravessada por determinações prévias que seguem mantendo uma restrição, de modo a que algumas pessoas são impedidas de acessar determinados bens e serviços, enquanto outras seguem sendo privilegiadas. Este é um aspecto que revela o capacitismo estrutural.

O capacitismo “é caracterizado como a opressão e a violência sofrida por pessoas com deficiência a partir de um sistema que hierarquiza os corpos pela perspectiva da normalidade” (Berselli et al, 2024, p. 03). Se considera estrutural por conta do constante preconceito vivenciado pelas pessoas com deficiência, o qual é naturalizado em uma estrutura social que, ao valorizar a funcionalidade corporal posta como sinônimo de capacidade, afasta, segrega e diminui as pessoas com deficiência. Foi Anahí Guedes de Melo quem introduziu o termo capacitismo no Brasil, no ano de 2011 (Lapponi, 2023).

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi criada no ano de 1960. Ainda que seja uma instituição relativamente jovem, seu período de construção está bastante distante de algumas normativas legais que apenas mais recentemente passaram a destacar a questão da acessibilidade. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff apenas no ano de 2015. A UFSM, por sua vez, instituiu o Programa de Ações

2026
ISSN 2319-0868

Afirmativas de Inclusão Racial e Social em 2007, reservando 5% das vagas para estudantes com deficiência. Já em 2023 foi instituída a Política de Acessibilidade da instituição, sendo que o artigo 5º é o que se refere especificamente à acessibilidade arquitetônica e urbanística, destacando que:

> III - a construção, a reforma, a ampliação e/ou a mudança de uso de edificações de modo a serem acessíveis, proporcionando condições de acesso e utilização de todos os ambientes ou compartimentos por pessoas com Deficiência ou Mobilidade Reduzida [...];
> IV - a aprovação, o licenciamento ou a emissão de certificado de projeto executivo arquitetônico, urbanístico e de instalações e equipamentos temporários ou permanentes e o licenciamento ou a emissão de certificado de conclusão de obra ou de serviço, que ateste o atendimento às regras de acessibilidade;
> V - que as edificações já existentes garantam acessibilidade a todas as pessoas, de acordo com os princípios de razoabilidade em todas as suas dependências e serviços, tendo pelo menos um dos acessos ao seu interior com comunicação com todas as suas dependências e serviços, livres de barreiras e de obstáculos que impeçam ou dificultem a acessibilidade; (UFSM, 2023)

Assim, o acesso à mobilidade universal nos recintos de ensino das artes cênicas na Universidade Federal de Santa Maria, é uma busca constante de todas as pessoas ligadas à unidade. O objetivo é tornar acessível todos os ambientes, priorizando o desenho universal e criando adaptações onde o local impede o pleno acesso, dentro dos recursos e técnicas disponíveis (Lei Federal 13.146/15).

Neste artigo é analisado o projeto de reforma de duas salas do Prédio 40 do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria. O projeto foi elaborado para atender o acesso ao Laboratório de Figurino dos(as) futuros(as) profissionais da cena. Foram examinadas a estrutura existente nas salas e o projeto de reforma do espaço onde será realocado o Laboratório de Figurino, o mobiliário existente e o projetado. Nesse contexto, o artigo confronta a proposta às normas vigentes, identificando aspectos que atendem às demandas presentes nas atividades do Laboratório e reconhecendo alternativas possíveis para futuras melhorias.

Identificamos que a originalidade do estudo se concentra na proposição crítica e reflexiva sobre o acesso a um recurso da cena que, muitas vezes, não recebe atenção na formação para uma cena acessível. Que o e a artista e futuro(a) docente-artista tenha garantia de acesso a um espaço destinado ao figurino, sem a

2026
ISSN 2319-0868

dependência de outrem, revela uma preocupação formativa que é vertical e profunda, e não meramente contextual. Ao compartilharmos as reflexões teóricas despertadas pelo desenvolvimento do projeto arquitetônico do Laboratório de Figurinos, estamos operando na construção de um conhecimento que entrelaça a concretude de uma reforma a um paradigma formativo. Com isso, buscamos colaborar com as discussões já consolidadas sobre criação em Artes Cênicas, acessibilidade, espaços de formação artística e justiça social. Este estudo, a partir do exemplo de um caso concreto, com suas limitações e inovações[1], pode vir a amparar e estimular um engajamento mais amplo em prol da acessibilidade no campo das Artes Cênicas.

O Laboratório de Figurino: breve histórico e estrutura atual

O Laboratório de Figurino, coordenado atualmente por uma professora do Departamento de Artes Cênicas[2], "se destina a pesquisa e manutenção de material didático com o intuito de fornecer suporte para projetos de ensino, pesquisa, extensão e atividades diversas relacionadas às Artes Cênicas e audiovisual" (UFSM, 2013). O figurino ou traje de cena é um recurso material e imagético fundamental para a criação cênica. Segundo Pavis (2008, p. 168), "Desde que aparece em cena, a vestimenta converte-se em figurino de teatro: põe-se a serviço de efeitos de amplificação, de simplificação, de abstração e de legibilidade". Além de revestir o corpo de quem está na atuação, como um invólucro da personagem, persona ou mesmo do/a performer em sua presentificação, o figurino informa uma ampla gama de sentidos a partir de sua articulação com os demais recursos da cena: "[...] o figurino participa sucessiva e por vezes simultaneamente, do ser vivo

[1] No que tange à inovação, destacamos a escolha da autora e do autor pela manutenção de trechos descritivos que apresentam aspectos técnicos relativos à acessibilidade arquitetônica. Com isso, o objetivo é que o estudo possa servir como um exemplo concreto das possibilidades e limites quando se busca transformar um espaço, antes excludente, em um local minimamente acessível. Uma vez que o caso aqui apresentado aborda um prédio público, empiricamente acreditamos que o cenário de exclusão e dificuldade de acesso provavelmente vivenciado pelo público que virá a acessar o estudo, e que se encontra em outras localidades do país, seja espelhado no que aqui está posto. Defendemos, assim, que as descrições não são meros relatos, mas constituem conteúdo central ao revelar as condições de transformação em prol da acessibilidade.
[2] Profa. Dra. Camila Borges Santos.

2026
ISSN 2319-0868

e da coisa inanimada; garante a transmissão entre a interioridade do locutor e a exterioridade do mundo objetal" (Pavis, 2008, p. 169).

Destacando-se como um recurso de fundamental importância para a cena, podemos observar duas abordagens ao figurino, que se localizam temporalmente no momento anterior e no momento posterior ao compartilhamento do espetáculo com espectadores(as). Anteriormente ao compartilhamento, o figurino é um recurso que não só agrega à criação já determinada por um texto dramático ou personagem pertencente à narrativa prévia, como também favorece, ele próprio, a criação de personagens e de situações dramáticas e não dramáticas, a instauração de atmosferas específicas e a definição de um universo ficcional. Assim, ele se coloca como um recurso estimulador do processo de criação, podendo direcionar os rumos do processo criativo. Posteriormente ao evento cênico, o figurino pode ser compreendido como um patrimônio teatral (Viana, 2024), uma memória das criações desenvolvidas que, sendo devidamente armazenada e conservada, conta a história do espetáculo e de um período específico de produções teatrais.

A correta manutenção e disponibilização de acervos de figurino possibilita novas criações a partir de sua reutilização. Para tal, é de fundamental importância que o material esteja alocado em local adequado, próprio para manter o figurino em boas condições e oferecendo a possibilidade de manejo por parte de quem poderá vir a fazer novo uso dos trajes de cena.

A professora Dra. Adriana Dal Forno conduziu, com o apoio de colegas do Departamento de Artes Cênicas da UFSM, o começo da estruturação do acervo de figurinos, organizando o material na sala 1226 do prédio 40 no ano de 2000. Antes disso, os figurinos e outros materiais cênicos ficavam alocados em um espaço da sala 1220, no mesmo prédio, em um baú e em alguns armários. Na época, a nomenclatura utilizada era Camarim, sendo que o uso do nome Figurino foi proposto pelo professor Dr. Élcio Rossini desde sua chegada no Departamento no ano de 2012. Em 2013, o professor Rossini registra o primeiro projeto do Laboratório de Figurino a que temos acesso através do portal de projetos da

2026
ISSN 2319-0868

UFSM, nomeado Laboratório 1226: Figurino de Cena[3]. Segundo as informações disponíveis no portal de projetos, o Laboratório estava

> destinado a desenvolver pesquisas teóricas e práticas sobre a criação e o uso de Figurinos de cena com o objetivo de promover diálogos e colaborações transdisciplinares entre as Artes Cênicas, Dança, Artes Visuais e Design que qualifiquem e ampliem os procedimentos e os recursos em projetos. (UFSM, 2013).

Os cursos de graduação mencionados eram os que estavam alocados no prédio 40 naquele momento. Temos ainda outros dois projetos registrados pelo professor Élcio Rossini, relativos ao Laboratório de Figurinos, nos anos de 2015[4] e 2017[5]. Posteriormente, em 2021, a atual coordenadora do Laboratório registra projeto[6] que segue em andamento.

O Laboratório de Figurino tem seu acervo constituído a partir de doações de pessoas físicas e jurídicas, estudantes, servidores(as) da UFSM, grupos de teatro da cidade e pessoas da comunidade. Há também as peças que são criadas e desenvolvidas a partir de recursos próprios dos grupos de estudantes ou da UFSM, a partir de auxílios financeiros concedidos aos e às estudantes, para espetáculos específicos e que depois, posteriormente às apresentações, são destinadas ao Laboratório. A dinâmica de empréstimos e organização do acervo conta com a coordenação da professora responsável pelo acervo, ficando a parte operacional sob responsabilidade de bolsistas. Os editais de bolsas estudantis são o meio utilizado para selecionar estudantes para atuarem na operação do Laboratório.

O prédio onde estão localizados os cursos de Licenciatura em Teatro e Bacharelado em Artes Cênicas da UFSM foi construído na implantação da universidade no início da década de sessenta com a criação da Faculdade de Belas Artes conforme nos indica o histórico publicado pela unidade (UFSM) (Figura 1).

Figura 1 – Foto da construção do prédio 40

[3] Registrado no Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras sob o número 035230.
[4] Registrado no Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras sob o número 040285.
[5] Registrado no Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras sob o número 046937.
[6] Registrado no Gabinete de Projetos do Centro de Artes e Letras sob o número 056339.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868



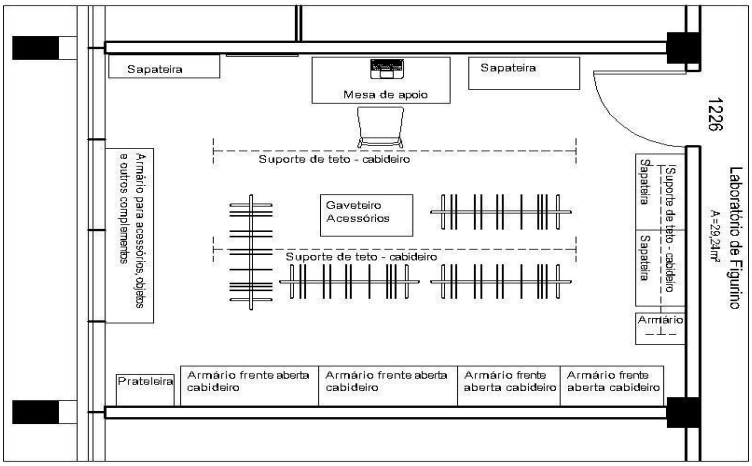
Fonte: UFSM.

Descrição da imagem: Foto em preto e branco na horizontal. Fotografada das proximidades da Avenida Roraima captando, em um ângulo próximo à 45º a construção do prédio 40 e 42 da UFSM. O prédio 40 está no primeiro plano, à esquerda e o prédio 42 em segundo plano, à direita. As edificações estão posicionadas na parte mais elevada do terreno e na base da foto destaca-se uma depressão do terreno, plana e coberta de vegetação. O prédio 40 já está com os 4 pavimentos construídos, revelando a falta de esquadrias e acabamento, porém já impõe sua espacialidade à paisagem e demarca sua presença se adequando ao relevo local. O prédio 42 ainda está sendo erguido em seu último pavimento. Fim da descrição.

A edificação é constituída de quatro pavimentos. A circulação vertical é composta de quatro blocos de escadas distribuídos ao longo de um grande corredor central, com 120 m de comprimento. Não possui elevador, portanto, a entrada nos pavimentos superiores não pode ser feita por pessoas com restrição de mobilidade.

O Laboratório de Figurino (Figura 2) está, atualmente, localizado no segundo pavimento deste prédio, na Sala 1226, sua área é de 29,24 m² com 4,65 m de largura e 6,30 m de comprimento.

Figura 2 – Leiaute existente



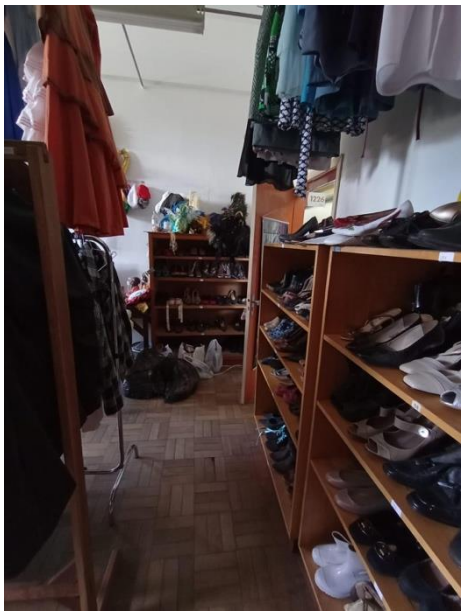
Fonte: Autores.

2026
ISSN 2319-0868

Descrição da imagem: Planta baixa do recinto onde atualmente se aloja o Laboratório de Figurino. A porta de entrada localiza-se na parede direita, na parte superior da figura e a janela que se estende por todo o sentido longitudinal do prédio se localiza no extremo oposto, na parede esquerda da imagem. Na parede superior encontram-se 4 figuras que representam uma mesa com um computador e uma cadeira, localizados ao centro, e dois retângulos que identificam as sapateiras, um de cada lado da mesa. Ao centro do recinto 4 araras são representadas dispostas em um bloco central. Junto a essas, um pequeno móvel é representado com a indicação: “gaveteiro acessórios”. Sobre estes móveis centrais e do corredor superior se encontram dois cabideiros fixados no teto, representados por linhas pontilhadas. Ainda ao centro, nas duas extremidades das paredes encontram-se o “armário para acessórios, objetos e outros complementos”, à esquerda, e, à direita, dois retângulos representam duas sapateiras e um pequeno móvel denominado armário. No teto um cabideiro é representado em linhas pontilhadas. Na parede inferior da figura, 5 retângulos representam 4 “armários frente aberta cabideiro” e um pequeno armário, assim denominado. Fim da descrição.

O mobiliário é composto de araras de aço com rodízios, móveis de madeira retangulares com cabideiro de alturas variáveis, calçadeiras ou expositores de calçados em ferro e madeira, gaveteiros e cabideiros suspensos presos ao teto (Figura 3).

Figura 3 – Vista interna do laboratório



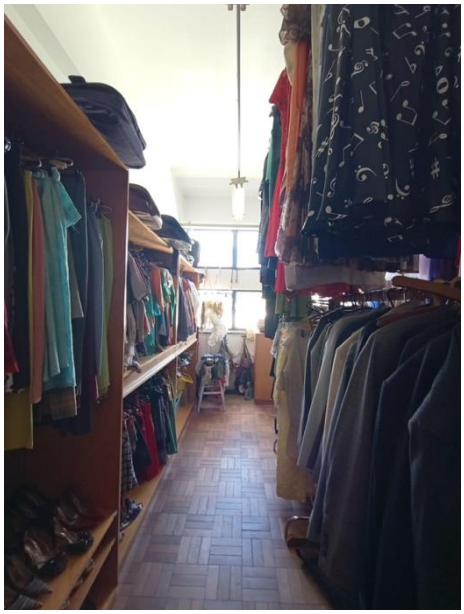
Fonte: Autores.

Descrição da imagem: Uma foto colorida mostra o corredor estreito com piso de tacos de madeira entre as sapateiras ao lado da porta e as araras localizadas no centro do recinto. Ao fundo, outra sapateira e algumas sacolas no chão. Na parte superior da imagem, visto apenas parcialmente, um cabide está fixado no teto, sobre as sapateiras. Todos os móveis e araras estão cheios de roupas e calçados. Fim da descrição.

2026
ISSN 2319-0868

As esquadrias em fita, que cortam todos os andares em sentido horizontal, ventilam e iluminam o ambiente. Localizadas, respectivamente à 1,15 m e 2,35 m, são feitas em aço e são as janelas originais (Figura 4).

Figura 4 – Iluminação natural



Fonte: Autores.

Descrição da imagem: Foto colorida mostrando o espaço exíguo do corredor com piso de tacos de madeira, localizado à direita da entrada do recinto em direção a janela. A imagem mostra, em cada um de seus lados, o armário de frente aberta, encostado na parede lateral e as araras que estão posicionadas no centro do laboratório. Sobre as araras, fixado no teto, um cabideiro de metal. Ao fundo a luz que entra pela janela ilumina um banco e alguns acessórios encostados na parede. Todas as araras e armários estão repletos de figurinos que transbordam os limites dos móveis. Fim da descrição.

Uma vez que o Laboratório de Figurino se encontra no segundo pavimento com acesso somente por escadas, fica confirmada a ausência de acessibilidade. Trata-se da afirmação da lógica de organização social que Edu Ó[7] vai nomear como bipedia compulsória. O conceito revela a busca do artista, professor e pesquisador em “compreender os mecanismos de poder em relação às pessoas com deficiência” (Carmo, 2020, p. 41).

> Assim, como o próprio entendimento da deficiência desviou-se do viés físico e biológico com o modelo social e mais recentemente

[7] Edu Ó é o nome artístico de Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, artista, pesquisador e professor da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

2026
ISSN 2319-0868

> com o modelo histórico-cultural, compreendo a bipedia não como meio de locomoção sobre dois membros, característica de algumas espécies animais, porém ligada ao entendimento da normalidade – construída historicamente sobre privilégios e parâmetros que sustentam diversos interesses. Assim, pela minha abordagem, insistir em pensar a bipedia pelo viés físico e biológico é também forma de negar a compreensão da deficiência em sua construção histórico-cultural. Inclusive, argumento que a bipedia não se estabelece numa relação oposta à deficiência física de quem não anda, mas determina seus privilégios e delimita seus espaços em relação a todas as deficiências. (Carmo, 2020, p. 53).

A hegemonia do corpo tido como “normal”, assim, opera na contínua invisibilidade e apagamento de qualquer corporalidade que não esteja dentro das normas bípedes. Talvez esse seja um ponto a explicar os mais de vinte anos de manutenção do acervo de figurinos da UFSM em um espaço sem acessibilidade. Mas não se trata de uma exclusividade deste Laboratório ou desta instituição específica, como bem nos lembra Edu Ó:

> No caso dos artistas com deficiência, a invisibilidade do “outro lado da linha” se apresenta materializada, por exemplo, na falta de estrutura acessível nos espaços cênicos, coxias, camarins e palcos. Ali, nós não existimos e para podermos frequentar esses espaços, somos nós que precisamos nos adaptar. Caso contrário, continuamos nos guetos, em espaços exclusivos, reservados, produzidos e garantidos sob a nossa condescendência. (Carmo, 2020, p. 56).

A seguir serão demonstradas as características e modos de organização do atual espaço do Laboratório de Figurino que permitem identificar as condições do atual espaço e que indicam a ausência de acessibilidade.

A nossa análise pretende se basear nos parâmetros do desenho universal. Como escreve Silvana Cambiaghi (2007) “a essência do desenho universal está no propósito de estabelecer acessibilidade integrada a todos, sejam ou não pessoas com deficiência”. A autora completa afirmando que com esta visão “o termo acessibilidade representa uma meta de ampla inclusão, não um eufemismo”.

O Desenho Universal possui sete princípios básicos cunhados por Ron Mace, arquiteto estadunidense, e amplamente conhecidos (CAMBIAGHI, 2007, p. 76 – 80; NBR 9050, p. 138). São eles: uso equitativo, uso flexível, uso simples e intuitivo, informação de fácil percepção, tolerância ao erro, baixo esforço físico e dimensão e espaço para aproximação e uso.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Entendemos que cabe nesta análise mostrar o comparativo da situação atual e da situação projetada, explicitando os conceitos e pretensões do projeto elaborado pela equipe com a finalidade de estimular outras ações de reestruturação de outros espaços utilizados pelos(as) artistas da cena.

As informações foram estruturadas em quatro aspectos: restrições espaciais, utilização, informação e conforto ambiental. Os aspectos são apresentados em tópicos, modo de organização que leva a uma melhor apresentação do conteúdo.

Restrições espaciais – Deslocamento, alcance e visualização

A disposição do mobiliário se localiza ao redor das paredes que delimitam a sala, com exceção das araras e de um pequeno móvel porta-objetos localizado ao centro do laboratório. A circulação se localiza no entorno das araras, em pequenos corredores. Este espaço linear deveria permitir a visualização das peças para selecionar o figurino (Figura 5).

Figura 5 – Circulação



Fonte: Autores.

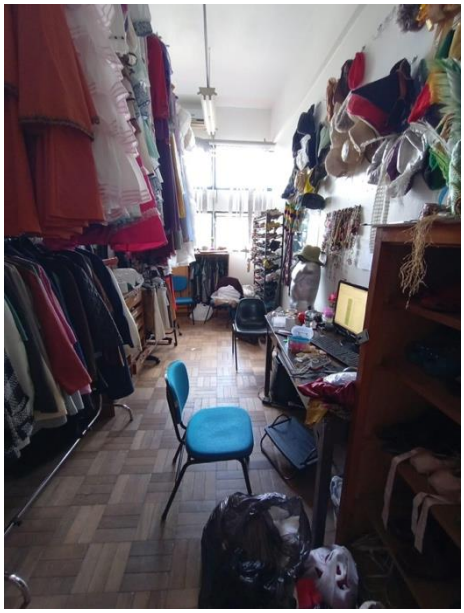
Descrição da imagem: Foto colorida, tirada da frente da janela em direção à porta de entrada. Ao fundo, a porta de entrada fechada e uma sapateira encostada na parede lateral perpendicular à porta. O piso de tacos de madeira demarca a circulação. Ao centro da parede está uma mesa de madeira, com traços de mobiliário antigo, onde se vê o monitor do computador e vários objetos cobrindo todo o tampo do móvel. Um manequim de plástico, duas cadeiras simples, diversos chapéus pendurados em suportes fixados na parede e um espelho, também fixado na parede, completam a descrição do lado esquerdo da foto. No lado direito se vê as araras do espaço central e o cabideiro do teto com os figurinos dependurados. Fim da descrição.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

A largura mínima necessária para o deslocamento de uma cadeira de rodas é de 90 cm para corredores até 10 m de comprimento (ABNT, 2020, p. 68). Embora a largura esteja dentro da normativa em referência a extensão do mobiliário, a pressão imposta pela mobília e pela rouparia não facilita o deslocamento. O espaço exíguo para a circulação obscurece a visualização das peças para todos os(as) usuários(as), pois não permite o posicionamento perpendicular de quem observa em relação às peças. Para a pessoa usuária de cadeira de rodas a perspectiva é dificultada pela altura dos olhos do(a) observador(a), necessitando uma maior distância para enxergar os itens dispostos em locais mais elevados. As araras colocadas ao centro da sala foram a alternativa escolhida para assegurar a guarda das roupas e acessórios do acervo, porém a ocupação do espaço central restringe a circulação e impossibilita o raio de giro da cadeira de rodas em qualquer parte do recinto (Figura 6).

Figura 6 – Circulação



Fonte: Autores.

Descrição da imagem: Foto colorida, tirada da porta de entrada do laboratório em direção às janelas. Mostra o corredor lateral, o mesmo da figura 5, porém da extremidade oposta. À direita está uma sapateira, logo após a mesa de apoio do computador e depois o local do espelho e mais uma sapateira. Na mesa do computador se destaca a cadeira em que o(a) bolsista executa os registros, posicionada no meio do corredor demonstrando a sobreposição de usos no mesmo espaço. Na esquerda da foto estão as araras do centro e o cabideiro do teto, com os figurinos dependurados. Fim da descrição.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

A necessidade de exposição dos figurinos levou a criação de cabideiros presos ao teto. Essa alternativa resulta em uma visualização das peças expostas acima da linha dos olhos dos(as) usuários(as). A retirada das roupas e acessórios dispostos neste cabideiro precisa ser feita através de um apanhador (cabo de madeira ou metal com um gancho na ponta). A ferramenta citada, foi confeccionada levando em consideração a altura de uma pessoa mediana e bípede.

Aqui percebemos a lógica da exclusão operando, talvez pela falta de conhecimento, talvez pela ingenuidade, talvez pela normalização do capacitismo. Atualmente, quando uma pessoa com deficiência busca ter acesso ao figurino, a solução muitas vezes passa por outra pessoa pegar algumas peças do acervo e levar até ela, retirando a agência da escolha e limitando as elaborações estéticas que poderiam ocorrer quando do contato com o acervo como um todo. Vemos ser posta em operação, assim, a lógica da concessão que, ao manter a dependência, manter uma rigidez hierárquica, como coloca a pedagoga, consultora em Acessibilidade Cultural e ativista pelos direitos das pessoas com deficiência Thamyle Vieira (2026, p. 210):

> [...] a própria ideia de que pessoas sem deficiência devam “acolher” ou “permitir” a presença de pessoas com deficiência revela uma dimensão hierárquica e concessiva. Isso porque parte do pressuposto de que o espaço social, cultural ou institucional pertence, em sua origem, às pessoas sem deficiência, cabendo a elas o poder de decidir quem pode ou não estar ali. Essa lógica reforça a centralidade de um sujeito normativo, detentor de prerrogativas e controle, enquanto posiciona a pessoa com deficiência como alguém que depende da autorização ou da benevolência do outro para existir publicamente. Em vez de reconhecer a presença da pessoa com deficiência como legítima e inegociável, o gesto de “acolher”, muitas vezes, opera como concessão, um favor, e não um direito.

As restrições espaciais parecem informar que é essa a lógica que está posta quando observamos que o Laboratório de Figurino segue sem acessibilidade mesmo com a presença de estudantes com deficiências matriculados(as) nos Cursos de Teatro e Artes Cênicas. Implicitamente, a mensagem que se projeta é que não se espera que pessoas com deficiência sejam artistas-docentes e que, se

2026
ISSN 2319-0868

o desejarem ser, precisarão se adequar a normativas capacitistas e a um convívio paternalista.

Utilização – provador, passador, registro e controle

O laboratório tem como objetivo não só catalogar, expor e disponibilizar o figurino, mas também procura criar espaços para a composição da paramentação dos atores e atrizes, experimentação das peças e realização de pesquisas compositivas para a caracterização das personagens. O local necessita de um provador de roupas e acessórios e este equipamento não está disponível no momento. Atualmente, para realizar a prova da roupa, os e as usuárias precisam se deslocar até o banheiro mais próximo, local que é bastante inadequado para tal fim.

Os registros das retiradas e entregas de peças são de extrema importância para a conservação do acervo. No momento da redação deste artigo, o espaço conta com uma antiga mesa de madeira de 80 cm de altura onde se registram os dados em um computador. A mesa fica encostada na parede sem espaço de atendimento ao usuário. A falta de espaço para a localização do mobiliário resulta em problemas de ergonomia pelo posicionamento do atendente que não se encontra frente ao usuário. A falta de mobiliário ergonômico para o Laboratório também se caracteriza como impedimento ao acesso pleno de todas as pessoas, ao aprendizado e elaboração da caracterização de seus espetáculos teatrais.

Outra necessidade atual do Laboratório é ter um local para pequenas tarefas como passar e dobrar as roupas, fazer pequenos ajustes, tarefas de colagem, de cerzimento, de limpeza e reparação.

A precarização do recinto também se mostra na falta de espaço. O fato de não possuir acesso a equipamentos que proporcionem uma experiência completa e adequada na experimentação, registro e confecção dos figurinos dificulta o aprendizado e a criação artística.

Informação – organização das peças e identificação do local

A guarda e identificação do acervo é feita por meio de um registro de código escrito ou colado diretamente em cada peça. O registro inicia pela letra que

2026
ISSN 2319-0868

caracteriza a peça, por exemplo, S de saia, seguida por um número. O cadastro é realizado por meio informatizado, registrando-se as peças em uma tabela, porém a identificação de roupas por código de barras ainda não é utilizada, e a inserção de dados é feita manualmente no computador. Para a melhor organização das peças é necessária a ampliação do espaço e a melhoria na distribuição da quantidade de itens por cabideiro.

A NBR 9050 (2020, p. 45) determina que “Portas e passagens quando sinalizadas devem ter números e/ou letras e/ou pictogramas e sinais com texto em relevo, incluindo Braille”. Neste momento, o prédio não possui identificação nos recintos. Segundo Piardi, Dischinger e Ely (2014, p. 30), “a avaliação das condições de comunicação é especialmente importante para melhorar a independência e autonomia de pessoas com deficiência auditiva, problemas na fala ou deficiência cognitiva”. Aqui, observamos que a acessibilidade comunicacional se faz necessária para o acesso de todas as pessoas. A informação necessita ser simples e direta facilitando o discernimento de quem usa o espaço ou o equipamento.

Conforto ambiental – Ventilação, iluminação e limpeza

O conforto ambiental é prejudicado pela falta de manutenção das esquadrias que não permitem uma boa ventilação. O mobiliário em forma de nichos prismáticos impede a aeração das vestimentas. O clima subtropical úmido da cidade de Santa Maria favorece o emboloramento de locais sem ventilação. Essas características climáticas, associadas à tipologia do mobiliário, prejudica a guarda do acervo e favorece a depreciação das peças, gerando manutenções frequentes.

Figura 7 – Iluminação natural



Fonte: Autores.

2026
ISSN 2319-0868

Descrição da imagem: Foto colorida, tirada da parede onde está instalada a janela em direção da entrada do laboratório, mostra o mesmo espaço de circulação da Figura 4, porém do ângulo inverso. Trata-se do espaço apertado do corredor com piso de tacos de madeira. A imagem mostra, em cada lado, os armários de frente aberta encostados na parede lateral e as araras que estão posicionadas no centro do laboratório. Sobre as araras, fixado no teto, um cabideiro de metal. Ao fundo, uma sapateira fica recostada na parede. Todas as araras e armários estão repletos de figurinos que transbordam os limites dos móveis. Fim da descrição.

O espaço limitado do recinto, o grande número de itens agregados e a mobília, somados, contribuem para a baixa iluminação do local. Esse fator também influencia na conservação das vestimentas e adereços, visto que a baixa iluminação e pouca ventilação caracterizam o ambiente ideal para o mofo.

Projeto acessível do Laboratório de Figurino: apresentação e análise

A elaboração do projeto arquitetônico das novas salas para a instalação do Laboratório de Figurino foi desenvolvida pelo arquiteto Charles de Almeida Ferreira[8], com a colaboração da Profa. Marcia Berselli[9] e da Responsável pelo Laboratório de Figurino, a Profa. Dra. Camila Borges Santos[10]. Destaca-se, ainda, o apoio da direção do Centro de Artes e Letras e do Núcleo de Infraestrutura da unidade.

O projeto tem como objetivo adequar duas salas para a transferência do Laboratório de Figurino, focando em espaços e mobiliários para o acesso de todas as pessoas, indiscriminadamente; acondicionar o acervo em melhores condições de conservação; permitir ao(à) usuário(a) a visualização dos itens expostos e inserir local para experimentação e visualização das escolhas (Figura 8).

[8] Técnico administrativo. Atua junto à Coordenadora de Obras e Planejamento Ambiental e Urbano (COPA), vinculada à Pró-Reitoria de Infraestrutura (PROINFRA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
[9] Docente. Atua junto ao Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Centro de Artes e Letras (CAL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
[10] Docente. Atua junto ao Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Centro de Artes e Letras (CAL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

2026
ISSN 2319-0868

Figura 8 – Vista geral do projeto do Laboratório de Figurino



Fonte: Autores.

Descrição da imagem: Imagem colorida, em perspectiva de ângulo superior, mostrando o projeto do Laboratório de Figurino. A imagem mostra os dois recintos que serão usados para a implantação do laboratório. A esquerda, no primeiro recinto, ao fundo está a porta de entrada, ao seu lado esquerdo, o provador. Logo após o provador, em direção oposta à porta de entrada, situa-se um nicho formado pela mesa de registros, com um computador. Ao lado a antiga mesa usada anteriormente como suporte para o registro, agora sendo utilizada para colocação das peças que serão registradas. Depois da mesa, o espelho com espaço para experimentação e visualização das vestimentas e por último um lavatório acessível, com barras de apoio e suporte para objetos feito de uma cuba de cerâmica e balcão em granito. Mais acima, nesta mesma parede um suporte para chapéus em duas estruturas horizontais presas na parede. Na parede oposta, deste recinto, as peças estão expostas em toda a extensão da parede, suportadas por cabideiros presos a cremalheiras. No segundo recinto, as duas paredes são utilizadas em todas as suas extensões, comprimento e altura, servindo como expositores de figurinos pendurados em cabideiros, presos nas cremalheiras. As prateleiras expõem os calçados utilizando toda a parede, desde a porta de entrada do primeiro recinto percorrendo toda a extensão da parede do fundo do segundo recinto. Fim da descrição.

O projeto que aqui apresentamos busca mobilizar as pessoas que estão envolvidas com o fazer artístico e pedagógico na universidade, o que alcança não só docentes e estudantes, mas as pessoas que atuam na gestão, na administração e nas áreas técnicas, para uma compreensão da acessibilidade em sua amplitude. Reconhecemos que a adequação de um Laboratório não opera, por si, nenhuma grande transformação, e é nosso papel afirmar que uma cultura anticapacitista exige uma reversão de modos e modelos que seguem estruturando o ensino, as artes e tantas outras áreas. Novamente trazendo Thamyle Vieira (2026, p. 217), é importante reforçar que

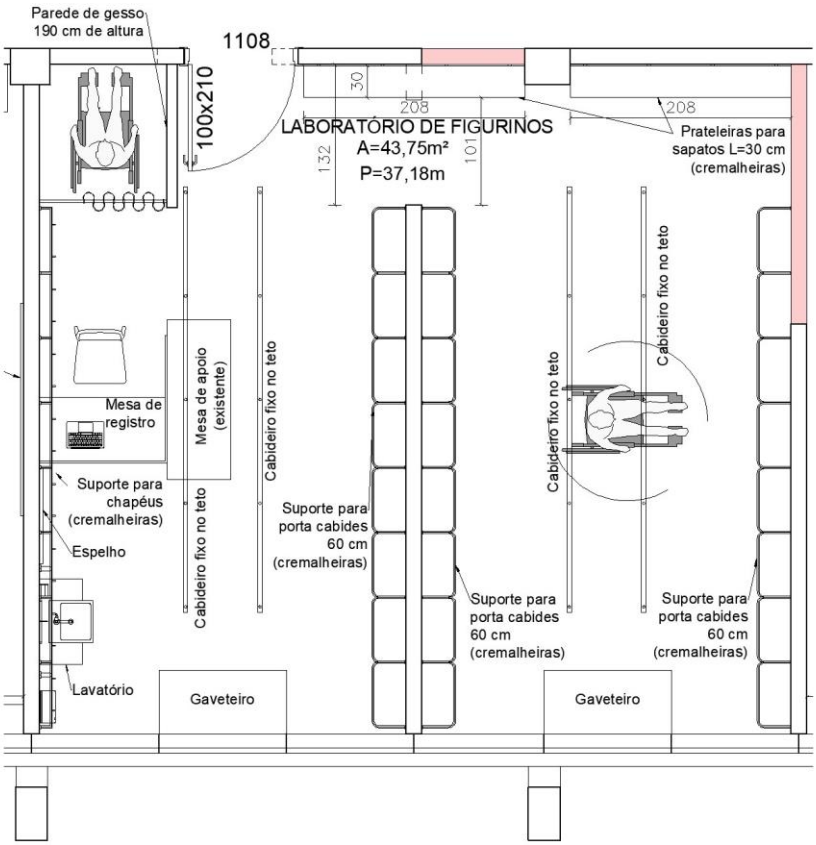
REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

> [...] o enfrentamento ao capacitismo não pode se limitar a ações pontuais ou a inciativas isoladas. É necessário promover reorganizações profundas do espaço público, revisar criticamente os repertórios simbólicos e transformar os dispositivos que moldam a produção de subjetividades.

Contudo, no cotidiano de quem vivencia a falta de acesso, avaliamos como um importante movimento a adequação aqui apresentada. As duas salas que receberão o Laboratório de Figurino se localizam no primeiro pavimento do prédio 40, único pavimento com acesso possibilitado por rampa. A proposta cria uma entrada central, na sala localizada à direita em relação ao exterior, e a unificação das duas salas através de uma passagem de 1,32 m, localizada perpendicularmente à parede divisória com a circulação central do prédio. (Figura 9).

Figura 9 – Planta baixa mobiliada



Fonte: Autores.

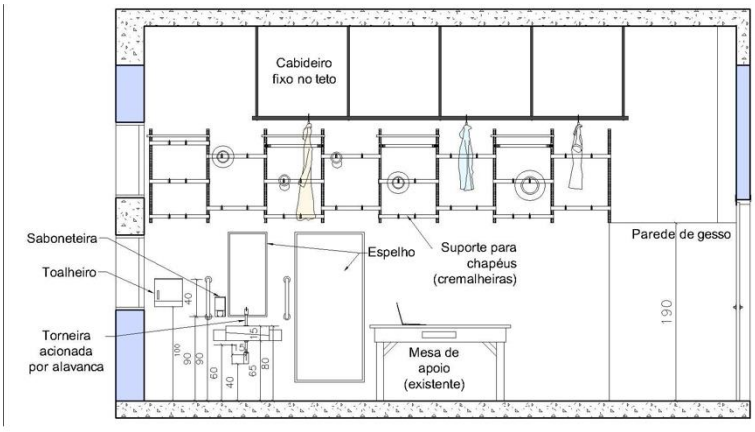
REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Descrição da imagem: Imagem preto e branco da planta baixa do projeto elaborado para o Laboratório de Figurino. A imagem mostra os dois recintos que serão usados para a implantação do laboratório. A esquerda, no primeiro recinto, ao fundo, está a porta de entrada, ao seu lado esquerdo, o provador. Logo após o provador, em direção oposta a porta de entrada, situa-se um nicho formado pela mesa de registros, com um computador e ao lado a antiga mesa, usada anteriormente como suporte para o registro, agora sendo utilizada para colocação das peças que serão registradas. Depois da mesa, o espelho com espaço para experimentação e visualização das vestimentas e por último um lavatório acessível com barras de apoio e suporte para objetos feito com uma cuba de cerâmica e balcão em granito. Nesta mesma parede, em desenho sobreposto está representado um suporte para chapéus em duas estruturas horizontais presas na parede. Na parede oposta, deste recinto, em toda a extensão da parede, estão dispostos os suportes para porta cabides, indicando a largura de 60 cm cada unidade. No segundo recinto, as duas paredes são utilizadas em todas as suas extensões, onde estão dispostos os suportes para porta cabides, indicando a largura de 60 cm cada unidade. As prateleiras para exposição dos calçados estão dispostas na parede superior que divide o recinto da circulação do prédio desde a porta de entrada do primeiro recinto e percorrendo toda a extensão da parede do fundo do segundo recinto. No meio de cada um dos dois recintos, com representação sobreposta, estão alocados dois cabideiros de teto. Nas paredes externas, onde estão representadas as janelas, um retângulo em cada sala, representa os gaveteiros para acessórios e objetos. Duas representações de pessoas em cadeiras de rodas estão desenhadas na imagem. A primeira no canto superior esquerdo, dentro do vestiário, com a finalidade de demonstrar a mobilidade no equipamento e outra no centro da sala que fica à direita da imagem, para identificar o raio de giro da cadeira de rodas. Fim da descrição.

O projeto prevê, no primeiro recinto, que sejam instalados o provador, à entrada direita, e, em sequência, a mesa de registro juntamente à mesa de apoio. Após a mesa de registro, um espelho de corpo inteiro e um lavatório com bancada. Sobre estes equipamentos, um conjunto de cremalheiras de um metro de altura expõe a chapelaria do laboratório. (Figura 10).

Figura 10 – Vista lateral



Fonte: Autores.

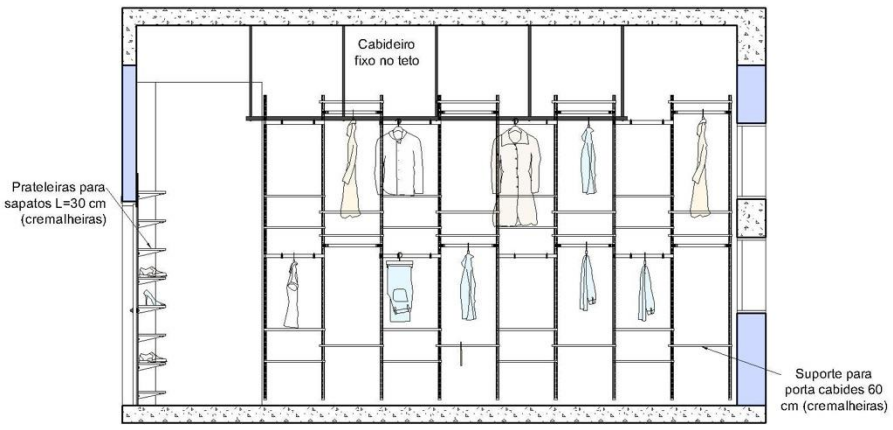
REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Descrição da imagem: Imagem colorida, em corte, mostrando a parede localizada a direita da porta de entrada do Laboratório de Figurino. Da esquerda para a direita a imagem mostra ao lado da janela externa, representada em corte, um lavatório acessível com barras de apoio e suporte para objetos, a localização da saboneteira, do toalheiro, do espelho localizado acima da cuba e dos pontos de tomada e saída de água. Após, localiza-se o espelho maior, próximo ao piso e se elevando até a altura das janelas e provador. Depois do espelho se encontra a antiga mesa usada anteriormente como suporte para o registro, agora sendo utilizada para colocação das peças que serão registradas. A representação de um computador sobre a mesa, indica a localização do nicho da mesa de registros. Por último, a localização do provador, indicado pela parede de 1,90 m de altura e a porta de entrada em corte. Na parte superior da parede e da figura, estão representados os suportes para chapéus fixados nas cremalheiras. Os cabideiros fixos no teto, são representados na parte mais superior da figura, junto à laje superior do recinto. Fim da descrição.

Na parede oposta estão dispostas nove cremalheiras onde se distribuem cabideiros em toda a sua extensão, podendo variar de disposição e quantidade conforme a necessidade de guarda e exposição. Essas cremalheiras podem comportar prateleiras, chapeleiras e outros expositores que possuem o mesmo tipo de conexão. (Figura 11).

Figura 11 – Cremalheiras e cabideiros.



Fonte: Autores.

Descrição da imagem: Imagem colorida, em corte, mostrando a parede localizada à esquerda da porta de entrada do Laboratório de Figurino, no segundo recinto. Essa parede, quando analisada a planta baixa, representa também, por semelhança, os dois lados da parede interna que divide os dois recintos. Da esquerda para a direita a imagem mostra ao lado da parede que divide o laboratório e o corredor central do prédio, as prateleiras, em corte, com os calçados expostos. Na sequência, a representação dos suportes para porta cabides, presos nas cremalheiras, indicando a

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

largura de 60 cm cada unidade e dispostos do piso até a altura dos cabideiros de teto. Esses são representados junto à laje superior do recinto. Fim da descrição.

Entrando no segundo recinto as duas paredes laterais suportam o mesmo número de cremalheiras e podem acomodar os mesmos dispositivos. Na parede que divide o laboratório com a circulação central do prédio estão previstas oito cremalheiras fixadas para receber prateleiras com os calçados expostos lado a lado. Por fim, dois cabideiros fixos ocupam o centro do teto das duas salas e dois gaveteiros estão dispostos embaixo de cada uma das janelas. (Figura 12).

Figura 12 – Cremalheiras e cabideiros



Fonte: Autores.

Descrição da imagem: Imagem colorida, em perspectiva, mostrando a parede interna que divide os dois recintos, vista da segunda sala. A imagem mostra o gaveteiro embaixo da janela externa e a representação dos suportes para porta cabides, presos nas cremalheiras, com os figurinos pendurados. Fim da descrição.

O novo local duplica a área de ocupação do laboratório de Figurino, porém, não soluciona todas as exigências de espaço para o desenvolvimento dos processos de trabalho executados. Existe a necessidade de uma área para confecção de novos figurinos, um local para desenho e composição de projetos, croquis e implantação de softwares de moda, uma lavanderia para higienização e, mesmo com um aumento significativo da área, mais espaço para a exposição e guarda de roupas. Agora, vamos abordar seis aspectos que julgamos centrais na análise sobre a acessibilidade no projeto apresentado: desenho universal x acessibilidade, restrições espaciais, utilização, informação, conforto ambiental e, por fim, alternativas possíveis. Seguiremos, assim como no item anterior,

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

apresentando os aspectos em tópicos, de modo a favorecer o acesso e apreensão do conteúdo aqui exposto.

Desenho universal x acessibilidade (adequação)

O conceito de desenho universal, segundo a lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Brasil, 2015), tem a seguinte definição: “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva”. O projeto se alicerça neste conceito, e, embora o espaço destinado seja pequeno e impeça a setorização de todas as atividades necessárias, foram priorizadas as atividades essenciais pensadas com um desenho que acolha a todas as pessoas.
Os objetivos buscados com o desenho do ambiente foram:

- Mobiliário leve, funcional, que permita a ventilação e várias composições dispositivas;
- Circulação plena que atenda o maior número possível de pessoas, independente de suas características físicas, habilidades e faixa etária (NBR 9050, 2020, p.138);
- Equipamentos e mobiliários ergonômicos;
- Materiais de baixo custo e fácil manutenção;
- Aproveitamento de todos os espaços, utilizando ferramentas de alcance ou treinamento de atendentes, se necessário;
- Ampliar o raio de visão do(a) usuário(a) para a escolha dos figurinos.

Restrições espaciais – Deslocamento, alcance e visualização

O projeto teve como diretriz, na distribuição do mobiliário, utilizar todo o perímetro das duas salas. Optou-se por colocar as cremalheiras até 3,25 m de altura e explorar a altura do pé-direito de 4 m para acomodar o maior número possível de itens. A mesma solução é dada para as prateleiras que expõem os pares de sapatos até uma altura de 2,40 m. Esse recurso liberou o espaço central das salas do Laboratório permitindo o raio de giro de 360º para cadeiras de rodas em praticamente todo o espaço (NBR 9050:2020). Essa alternativa também

2026
ISSN 2319-0868

elimina os obstáculos para o deslocamento de pessoas com mobilidade reduzida (Figura 13).

Figura 13 – Cremalheiras e cabideiros



Fonte: Autores.

Descrição da imagem: Imagem colorida, em perspectiva, mostrando o segundo recinto visto da parede externa em direção à parede de divisa no corredor central. A imagem mostra, ao fundo, as prateleiras de exposição dos calçados, a direita e esquerda, as duas paredes com os suportes para porta cabides, presos nas cremalheiras com os figurinos pendurados e no centro, presos ao teto, os cabideiros com os figurinos. Fim da descrição.

Os cabideiros fixados no teto foram mantidos, tendo em vista a falta de espaço para a guarda do acervo e a facilidade de exposição. A alternativa, definida para auxiliar na retirada dos itens expostos em locais mais altos, foi a aquisição de garras pegadoras de objetos e a proposta de manter no grupo de trabalho, permanentemente, bolsistas treinados(as) para o manuseio das peças expostas em locais de alcance mais dificultoso.

As garras pegadoras de objetos (Figura 14), mesmo não sendo a solução ideal, podem ser classificadas como tecnologias assistivas, têm baixo custo de aquisição e serão utilizadas sem exceção de pessoas. Devem possuir um cabo extensível para a retirada de figurinos e uma ponteira com dois dedos metálicos opostos para segurar objetos.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Figura 14 – Garra de alcance



Fonte: Mercado Livre.[11]

Descrição da imagem: Imagem colorida, mostrando ao centro uma garra mecânica que serve como pegador de objetos, que possui um braço metálico que possibilita a extensão do braço humano. A ponteira é em forma de garra, com dois arcos plásticos em oposição que abrem e fecham ao apertar de uma pequena alavanca, com o formato da empunhadura humana, localizada na extensão posterior da garra. A figura mostra ainda outras duas imagens, uma acima e outra abaixo da garra. A primeira com a garra segurando um pequeno pedaço de madeira e a outra com a garra pegando uma garrafa plástica. Fim da descrição.

Quanto à visualização dos expositores, o projeto não conseguiu adequar todas as características visuais. As peças expostas nos nichos mais elevados não permitem uma visualização adequada por todas as pessoas. Essa disposição dificulta ainda mais a visualização do(a) usuário(a) de cadeira de rodas pela perspectiva do ponto de vista mais baixo, porém o espaço central das salas permite o deslocamento das pessoas e amplia a visibilidade para uma escolha inicial dos artigos expostos. Para que fosse possível localizar todos os expositores na altura dos olhos, o recinto necessitaria ser muito maior. Para minimizar o problema, foi criado o espaço da mesa de apoio, descrito no próximo item. No futuro, para ampliar a acessibilidade para as pessoas cegas ou com baixa visão, será necessário instalar um dispositivo com a descrição dos itens, o que poderá ser feito por peça, por exemplo.

[11] Disponível em https://www.mercadolivre.com.br/garra-mo-mecnica-pegador-de-objeto-braco-extensor/p/MLB26758139. Acesso em 15 abr., 2025.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Utilização – provador, passador, registro e controle

O projeto criou um local para o provador com as dimensões recomendadas pela norma de acessibilidade no item 10.17.2 (NBR 9050, 2020), prevendo o deslocamento da porta de entrada para alojá-lo na medida necessária. Uma divisória de gesso é proposta entre o acesso ao Laboratório e o provador. Ao mesmo tempo que delimita o espaço da experimentação de roupas, serve como anteparo da porta, protegendo a entrada e saída dos(as) utilizadores(as) do Laboratório. O fechamento será feito com cortina, sendo necessário que as argolas, trilhos ou qualquer dispositivo usado para o deslocamento possa deslizar com facilidade exigindo o mínimo esforço para o movimento.

O local de registro e controle foi pensado em um nicho de 120 cm por 120 cm com altura de 75 cm, confeccionado com compensado ripado. Dentro desse anteparo, em formato de L, será colocada uma mesa onde ficará o computador com os sistemas de controle. Este cercamento permite o isolamento do(a) bolsista ou servidor(a) que efetuará o trabalho. A mesa, antes usada para esta tarefa, será colocada ao lado do nicho para a colocação das peças para registro.

A mesa de apoio poderá auxiliar em vários afazeres no Laboratório. Embora o ideal fosse a criação de um local para cada atividade, o espaço reduzido determina a sobreposição de serviços em um mesmo ponto. O móvel poderá servir de base para passar, dobrar e acondicionar as roupas e acessórios, bem como, ser utilizado como bancada para pequenos reparos.

Informação – Organização das peças e identificação do local

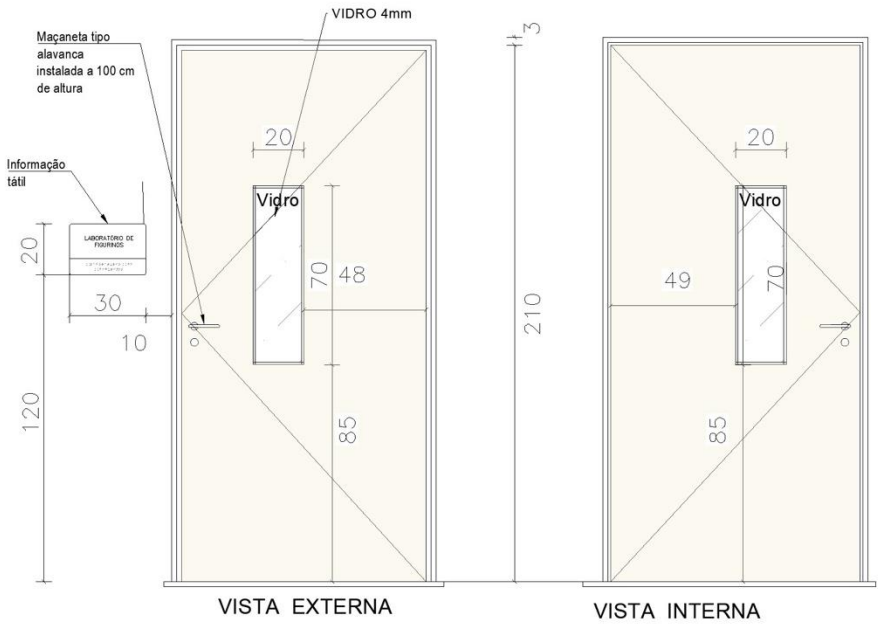
As soluções para registro das roupas estão descritas no tópico “Alternativas possíveis”, sendo um aspecto que não é plenamente atendido no projeto aqui apresentado.

Em relação à identificação do local, está prevista a colocação de identificação externa, ao lado da porta, conforme indica a NBR 9050, com placa com o nome do recinto em letras em relevo, cores contrastantes e informação em braile (Figura 15).

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

Figura 15 – Informações táteis – detalhe da porta



Fonte: Autores.

Descrição da imagem: A imagem mostra as especificações técnicas da porta de acesso ao laboratório. A porta está localizada à direita da imagem. É formada por um retângulo vertical onde a maçaneta situa-se à esquerda da porta. Do centro para a direita, na metade superior, localiza-se um visor de vidro medindo 70 cm por 20 cm. À esquerda da porta, no mesmo lado da maçaneta, situada a 120 cm do piso, uma placa de 20 cm por 30cm onde está escrito em braile e também em letras de auto relevo Laboratório de Figurino. Fim da descrição.

Conforto ambiental – Ventilação, iluminação e limpeza

A ventilação, iluminação e a melhoria nas condições de higienização do Laboratório estão previstas na troca do mobiliário. O posicionamento dos cabideiros somente nas paredes e teto, sem colocação de móveis ao centro, somado à troca do mobiliário de madeira por cremalheiras e suportes em aço ou alumínio, permitem a melhor circulação de ar e entrada de iluminação. A diminuição das superfícies planas reduz o acúmulo de pó, em especial, nas partes superiores. Os antigos móveis possuíam fundo em madeira que se sobrepunha à parede, sendo que o espaço entre o móvel e a parede tem facilidade em criar mofo no clima subtropical úmido. Os suportes previstos em projeto diminuem o contato do suporte com a parede, sendo a área da cremalheira o único ponto de contato. Mesmo esse pequeno espaço é ventilado pelos orifícios do trilho.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

A previsão de instalação de condicionador de ar adequado, dimensionado para o espaço e para o acervo, tem a finalidade de melhorar a temperatura para os(as) usuários(as) em dias frios do inverno gaúcho e nos períodos de calor extremo do verão da depressão central do Rio Grande do Sul, mas também auxiliará nos dias de grande umidade permitindo a conservação das peças da coleção.

Alternativas possíveis

Um projeto sempre poderá ser melhorado ou redimensionado conforme as novas tecnologias que podem surgir, os novos espaços que poderão ser agregados ao local disponível e aos investimentos que poderão ser captados para a melhoria do acervo ou dos equipamentos.

A automatização das cortinas do provador é uma alternativa para o usuário com dificuldades de empunhadura. Os controles para acionamento da cortina também poderão ser acionados através de comandos de voz ou botoeiras e os trilhos da cortina podem ser comandados por dispositivos acionados por cabos ou trilhos dentados.

O registro do acervo poderá ser feito através da impressão de códigos QR nas peças e um leitor acoplado ou em acesso remoto ao computador para fazer o registro da retirada ou devolução dos itens. Os códigos QR permitiriam, também, a disponibilização de audiodescrição[12] das peças, fator que garantiria a acessibilidade para usuários(as) cegos(as) ou com baixa visão.

Havendo a possibilidade de ampliação do espaço, poderiam ser implantados os trabalhos de criação e confecção. Uma área composta por computadores equipados com softwares para criação das caracterizações e um recinto para implantação de máquinas de costura, bordado e outros equipamentos de confecção auxiliariam na criação e execução dos figurinos.

A destinação de um local para limpeza dos figurinos também se faz necessário. Uma pequena lavanderia com máquinas de lavar e secar instaladas, espaço com bancada para passar as roupas, aspiradores de pó e equipamentos de

[12] Audiodescrição (AD) é um recurso de tecnologia assistiva, uma ferramenta de acessibilidade que apresenta a descrição das imagens, que são traduzidas em palavras. A AD favorece que pessoas com deficiência visual e com baixa visão tenham acesso ao conteúdo das imagens, sejam elas estáticas e/ou em movimento.

2026
ISSN 2319-0868

lavagem a seco complementariam o projeto atendendo a demandas geradas no uso do Laboratório.

Considerações finais

A importância do Laboratório de Figurino para a formação do(a) profissional de artes cênicas se aplica desde a escolha, dentro do acervo existente, para a caracterização de uma personagem, até a criação e confecção do figurino de uma nova peça teatral. O(a) figurinista, também é um(a) profissional de teatro e figura indispensável na composição dos espetáculos. O Laboratório de Figurino amplia o aprendizado dos(as) estudantes, resultando em um aumento do campo de trabalho para os(as) artistas formados(as) pela instituição.

Em relação à acessibilidade, a adequação do espaço possibilita aos(às) estudantes com deficiência o devido desenvolvimento nos três pilares que sustentam as instituições de ensino superior: o ensino, a extensão e a pesquisa. Podendo, inclusive, escolher como traçar seus percursos a partir de interesses diversos - sendo o figurino um dos recortes possíveis. Além do pilar ensino, já mencionado, a contribuição do Laboratório para a extensão universitária acontece no empréstimo e assessoramento de escolas, entidades e estudantes de outros cursos que buscam apoio para as caracterizações de personagens para seus eventos culturais. Na perspectiva da pesquisa, o adequado acesso aos figurinos favorece o aprofundamento de estudos das materialidades da cena como aspectos compositivos da criação que têm tanta importância quanto os demais recursos.

As instituições públicas de ensino enfrentam dificuldades de recursos para manutenção e aprimoramento de suas atividades. O investimento em um espaço de criação de arte e cultura, ensino e aprendizado, extensão e pesquisa, é uma conquista para os cursos que o utilizam, bem como para a comunidade que usufrui dos resultados. E falar em comunidade é falar em coletivo, é pensar o contexto social e não o uso individualizado. Nos aproximamos assim de princípios da justiça da deficiência[13], em uma perspectiva que defende a garantia “de que pessoas com diferentes marcas corpóreas e sensoriais possam se envolver plenamente nos

[13] Para saber mais, convidamos a leitora e o leitor a acessar o texto “Cuidado na dependência complexa de pessoas com deficiência: uma questão de justiça social”, de Gesser et al, 2022.

2026
ISSN 2319-0868

espaços coletivos, sentindo-se parte deles e não um fardo ou parte de uma regra obrigatória de acessibilidade" (GESSER et al, 2022, p. 10).

A constante exigência de melhorias e espaços para a inserção das novas tecnologias para a educação pressionam os(as) gestores(as) para serem criativos(as) e incentivarem a adaptação dos espaços existentes. A acessibilidade, por sua vez, é um direito do cidadão e da cidadã e dever do estado e deve ser garantido às pessoas com deficiência, especialmente em espaços de ensino-aprendizagem que buscam, cada vez mais, favorecer a entrada e a permanência de estudantes com deficiência. Na UFSM, a Política de Acessibilidade, instituída no ano de 2023, vem agregar às demandas de diversas unidades de ensino que, em busca do devido atendimento aos e às estudantes com deficiência, há anos lutam pela garantia do direito a um ensino de qualidade sem discriminação.

O projeto do Laboratório de Figurino do Departamento de Artes Cênicas da UFSM é o resultado do esforço de vários(as) profissionais atuantes e incentivadores da cultura e das artes da cena. A equipe buscou aprimorar e adequar o espaço disponível para que as condições de ensino e aprendizado pudessem ser disponibilizadas a todas as pessoas e que a guarda e manutenção do acervo fosse realizada com maior facilidade e com o mínimo necessário de recursos financeiros. O espaço foi pensado para, além de cumprir as normativas de acessibilidade, dar ao(à) usuário(a) com restrições de mobilidade ou acesso as mesmas condições de utilização do acervo, almejando o desenho universal e indicando alternativas para tecnologias assistivas que possam permitir acesso pleno a todas as pessoas.

A defesa da acessibilidade é uma luta contínua e depende do amparo das políticas públicas mas, especialmente, do engajamento das pessoas para que as leis saiam do papel e se concretizem em ambientes, recursos, bens, serviços e atividades acessíveis a todas as pessoas. Se a bipedia compulsória foi por muito tempo, e segue sendo, a lógica de organização social, como nos informa Edu Ó (Carmo, 2020), é preciso seguir mobilizando esforços, confrontando as negativas que insistem em manter algumas pessoas apartadas e excluídas. A falta de recursos financeiros não pode ser a justificativa para a ausência de acessibilidade quando alternativas de baixo custo são possíveis.

2026
ISSN 2319-0868

Certamente, uma transformação fundamental e que ainda não ocorreu é a compreensão, por parte da gestão da universidade, da deficiência como questão central e não apenas como movimento adaptativo. Um laboratório plenamente acessível exigiria, inicialmente, a tomada de posição em prol da deficiência em suas dimensões políticas, éticas e estéticas, em uma reversão da lógica excludente que opera atualmente e que ainda se concentra em uma "acessibilidade superficial" (Gonçalves et al, 2026). Enquanto essa reversão não ocorre, perseguiremos as alternativas possíveis.

A reforma e adequação de espaços de cultura, arte e educação é um ganho de e para todas as pessoas. O caso do Laboratório de Figurino, aqui abordado, destaca a possibilidade de um projeto de adequação a partir da acessibilidade universal que reforça a universidade pública como espaço plural e democrático.

Neste artigo, importa apresentar os esforços empreendidos na elaboração de um projeto diante das restrições impostas pelo controle hegemônico na universidade brasileira, bem como a comparação e a análise das decisões tomadas para a elaboração de um projeto acessível destinado a um espaço de criação artística. Ainda, buscamos evidenciar o empenho e a pesquisa necessários à criação desse espaço, assim como a necessidade de uma consciência, por parte da equipe, de que, para além do cumprimento de normas e leis, se fazia necessário criar um local de acesso universal para todos e todas. Uma próxima etapa, que esperamos poder relatar em texto futuro, diz respeito à concretização do projeto do Laboratório de Figurino e sua avaliação de usabilidade o que, certamente, nos fará identificar novos desafios e possibilitará desenhar novos rumos em busca de espaços artísticos e formativos acessíveis.

Referências:

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **ABNT NBR 9050/2020:** Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://www.caurn.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/ABNT-NBR-9050-15-Acessibilidade-emenda-1_-03-08-2020.pdf. Acesso em: 10 abr., 2024.

BERSELLI, Marcia; BAIERLE DOS SANTOS, Diordinis; RAZEIRA COSTA, Andrielle; RODRIGUES DE SOUZA, Vinícius. Axé, Mona Rikumbi! As intersecções

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

entre teatro, acessibilidade e negritude. **Cena**, *[S. l.]*, v. 43, n. 1, 2024. DOI: 10.22456/2236-3254.139567. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/139567. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL, **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 20 jan., 2025.

CAMBIAGHI, Silvana. Desenho Universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. São Paulo: Senac, 2007.

CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. Fissuras pós-abissais em espaços demarcados pela bipedia compulsória na dança. **Ephemera**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, v. 3, n. 5, p. 40-61, 21 jul. 2020. Disponível em https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4386. Acesso em 27 jan., 2025.

GESSER, Marivete; ZIRBEL, Ilze; LUIZ, Karla Garcia. Cuidado na dependência complexa de pessoas com deficiência: uma questão de justiça social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 2, e86995, 2022. Disponível em https://www.scielo.br/j/ref/a/qH3pqSSmfdYZyYzmcBw58hv/?lang=pt. Acesso em 31 ago., 2026.

GONÇALVES, Cristina; FERREIRA DA SILVA, Carlos Alberto; SILVA, Emanuelle dos Santos. O corpo-político de Cristina Gonçalves Mulher, artista, performer, produtora e agente cultural. In: **Artes cênicas e acessibilidade cultural:** contextos de desaprendizagem. Vol. 3. Organizado por Jefferson Fernandes Alves, Carlos Alberto Ferreira da Silva e Marcia Berselli. Natal: SEDIS-UFRN, 2026, p. 21-51.

LAPPONI, Estela. **Corpo intruso:** uma investigação cênica, visual e conceitual. São Paulo: Casa de Zuleika, 2023.

LICHT, Flavia Boni. Acessibilidade e cultura: Por que sim? Por que não? In: CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (org.). **Acessibilidade em ambientes culturais**. Porto Alegre: Marca Visual, 2012.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PIARDI, Sonia Maria Demeda Groisman; DISCHINGER, Marta; ELY, Vera Helena Moro Bins. **Manual promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos**. Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2014. Disponível em: https://www.mpsc.mp.br/documents/d/guest/manual-acessibilidade_2014_web. Acesso em: 29 ago. 2026.

REVISTA DA FUNDARTE

2026
ISSN 2319-0868

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Departamento de Arquivo Geral**. Santa Maria, RS: UFSM, 2022. Disponível em: https://fonte.ufsm.br/index.php/1972-116-028. Acesso em 15 abr., 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Artes e Letras. **Histórico**. Disponível em https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/cal/historico. Acesso em 15 abr., 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Centro de Artes e Letras. **Laboratórios Credenciados pelo Conselho do CAL**. Disponível em: https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/cal/laboratorios. Acesso em: 13 nov., de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Laboratório 1226: Figurino de Cena. **Portal de Projetos**. 2013. Disponível em https://portal.ufsm.br/projetos/publico/projetos/view.html?idProjeto=42940. Acesso em 20 jan., 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Resolução UFSM N. 144, de 02 de outubro de 2023. Estabelece a Política Institucional de Acessibilidade da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2023. Disponível em https://portal.ufsm.br/documentos/publico/documento.html?idDocumento=14861498. Acesso em 20 jan., 2025.

VIANA, Fausto. **O traje de cena como documento** [recurso eletrônico]. 2. ed. São Paulo: ECA/USP, 2024. Disponível em https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1235. Acesso em 13 jan., 2024.

VIEIRA, Thamyle. Acessibilidade Atitudinal e Anticapacitismo: da mudança de postura à transformação estrutural. In: **Artes cênicas e acessibilidade cultural:** contextos de desaprendizagem. Vol. 3. Organizado por Jefferson Fernandes Alves, Carlos Alberto Ferreira da Silva e Marcia Berselli. Natal: SEDIS-UFRN, 2026, p. 207-233.

Recebido em:14/10/2025.
Aceito em: 08/09/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

2026
ISSN 2319-0868

Nome do Autor: Marcia Berselli
Minibiografia: Professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa Teatro Flexível: práticas cênicas e acessibilidade (CNPq/UFSM) e do Laboratório de Criação (LACRI/CNPq).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2731-1373
E-mail: bersellimarcia@gmail.com

Nome do Autor: Charles de Almeida Ferreira
Minibiografia: Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é arquiteto e urbanista da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Dramaturgo e diretor de teatro.
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0896-7416
E-mail: charles.ferreira@ufsm.br

CC BY

BERSELLI, Marcia. PROJETO DO LABORATÓRIO DE FIGURINO DO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS DA UFSM: UMA ANÁLISE SOBRE ACESSIBILIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 68, e1820, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE